



AS SALAS DE INOVAÇÃO DAS ETIS MUNICIPAIS DE FORTALEZA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUA UTILIZAÇÃO POR PROFESSORES DE UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

Dhara Santos Mendes ¹
Matheus Barbosa de Almeida ²

RESUMO

A implementação das Salas de Inovação Educacional nas escolas municipais de tempo integral em Fortaleza–CE se insere em um contexto marcado pela crescente digitalização das instituições de ensino e pela necessidade de promover uma educação mais engajadora e personalizada por meio das tecnologias digitais. O objetivo da presente pesquisa foi investigar, através de um estudo de caso, como os professores utilizam esses espaços de inovação em suas práticas pedagógicas, bem como identificar possíveis dificuldades e necessidades para sua efetiva implementação. A metodologia adotada, de cunho qualitativo e exploratório, teve como instrumento de coleta de dados o questionário online, revelando um contraste de perspectivas quanto a função da sala de inovação e sua distinção entre o laboratório de informática, práticas que integram o uso de ferramentas, como o *Chromebook* e plataformas digitais como a *Google*. O estudo acarretou em reflexões de que a mera disposição de espaços, recursos e ferramentas tecnológicas na educação não garantem seu uso, nem mesmo o êxito pedagógico quando utilizados. Para potencializar o uso eficaz desses espaços presentes nas escolas de Fortaleza, são necessárias medidas que visem a capacitação, o reconhecimento de documentos norteadores, a integração curricular e a adaptação estrutural, promovendo uma educação mais inovadora e alinhada às demandas contemporâneas.

Palavras-chave: Sala de Inovação, Tecnologias digitais, Práticas docentes.

INTRODUÇÃO

O reconhecimento da importância da educação digital é um tema inegável. Para Coppi *et al.* 2022, a crescente digitalização das instituições de ensino e a necessidade de que todos sejam capazes de se comunicar e interagir por meio de tecnologias digitais têm sido palco de grandes debates e investimentos.

A implementação das Salas de Inovação Educacional nas escolas de tempo integral de Fortaleza-CE é um exemplo desse esforço em proporcionar novas oportunidades para os docentes explorarem estratégias pedagógicas inovadoras. Esses espaços são projetados para incentivar a criatividade, o pensamento crítico e o uso de tecnologias educacionais, visando promover uma educação mais engajadora e personalizada.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, dharasmendes@gmail.com

² Graduado pelo Curso de Matemática do Instituto Federal do Ceará, matheusifce97@gmail.com



A discussão atual não é mais sobre a implementação de tecnologias na educação, mas de que maneira elas podem contribuir e quais métodos os profissionais utilizam, ou deveriam utilizar, para inseri-las de forma que favoreçam a formação integral dos estudante e auxiliem a prática docente. Nesse sentido, entende-se que o acesso à tecnologia nas instituições de ensino, em especial as de ensino básico, se configura como um elemento essencial para a construção da educação mais inclusiva digitalmente, e pode auxiliar na construção de “habilidades necessárias para a vida e que, por isso, poderiam ser desenvolvidas a partir de experiências reais, especialmente por meio da educação” (Marinho; Ferreira, p. 11, 2022).

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), há pelo menos quatro competências que se referem a introdução das tecnologias digitais no processo de ensino, onde uma delas é “exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão [...] para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) [...]” (BRASIL, 2018). Sendo assim, entende-se que tecnologias e educação são dois elementos indissociáveis.

Diante disso, o presente estudo partiu das inquietações provenientes de observações da expansão das Escolas Tempo Integral no município de Fortaleza, sua estrutura e rotina pedagógica, onde o foco foram os espaços que oferecem condições para a implementação de tecnologias digitais, surgindo assim a seguinte indagação: Como o espaço das salas de inovação é aproveitado pelos professores e estudantes?

METODOLOGIA

A pesquisa se pauta numa abordagem qualitativa de cunho exploratório, uma vez que há uma preocupação com o nível de realidade daquilo que não pode ser percebido a partir da quantificação, ou seja, nesse tipo de abordagem existe a possibilidade de entender as significações e motivações acerca do objeto de estudo (Minayo, p. 23, 2014). A natureza exploratória da pesquisa é dada pelo fato de buscar compreender e aprofundar conceitos pouco explorados, o que servirá de base para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Para encaminhar a presente pesquisa foi realizado um estudo de caso com 14 professores de diferentes disciplinas da ETI Professor Agerson Tabosa Pinto, uma recente escola de tempo integral pertencente à rede municipal de ensino de Fortaleza-CE. Como instrumento para a coleta de dados foi desenvolvido um questionário online. A escolha por este instrumento se deu por favorecer sua aplicação a um grande número de pessoas simultaneamente, conferir liberdade às respostas por conta do anonimato, não pressionar o participante pela presença do pesquisador, possibilitando menos distorção nas respostas, além



de conferir homogeneidade à avaliação, visto que não há pessoalidade no instrumento (Lakatos, p. 201, 2003).

O questionário contou com perguntas que buscaram traçar o perfil profissional e acadêmico do docente, bem como sua percepção, compreensão e formas de uso da sala de inovação presente em sua escola. O questionário online foi precedido do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que explicitou o teor da pesquisa, objetivo geral, finalidade, respeitando as questões éticas em pesquisas científicas. A análise dos dados se deu através do discurso, de maneira subjetiva ao confrontar o que foi respondido com a bibliografia utilizada para fundamentar a pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Escolas de Tempo Integral

A temática de um ensino em tempo integral surgiu, de acordo com Cardoso e Oliveira (2020), como uma busca por soluções para problemas de ordem sociais amplos. Em meados de 1950 os primeiros vestígios de um ensino integral foram observados através do Centro Educativo Carneiro Ribeiro (SP), seguidos de outros centros espalhados pelo Brasil, chamados de Escolas Modernas. Em 2007 a temática volta a ser debatida de forma mais ativa e com a preocupação em projetar-se a educação básica.

Baseado nos pensamentos integralistas e libertários, com claras intenções de alavancar os índices educacionais, autores como Silva; Souza; Costa (2020) elucidam que

Esse modelo de escola, de modo mais amplo, contempla uma proposta de ensino voltada para a formação integral do aluno no que diz respeito ao desenvolvimento de um currículo mais extenso, que integraliza o interesse da formação humana e dos aspectos sociais, culturais, físico, emocional e cognitivo (Silva; Souza; Costa, p.3, 2020).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996), em seus artigos 34 e 87 prevê a ampliação da jornada escolar para o regime de tempo integral. Essa realidade já é vivenciada pela cidade de Fortaleza-Ce, que segundo os dados do Censo Escolar (2022), a capital lidera em cobertura de matrículas no Ensino Fundamental em tempo integral do país, com 64,4% (113.491) dos alunos matriculados.

Com relação ao currículo, as escolas de tempo integral de Fortaleza-Ce dividem-se em Base Comum (seguindo o que orienta a BNCC) e uma parte diversificada, “disciplinas que pautam temas como protagonismo e projeto de vida, disciplinas eletivas escolhidas por professores e alunos, e atividades laboratoriais de Informática, Biologia, Química, Física e Matemática” (SME, 2023).



Com isso, a chegada do tempo integral na escola pública vem exigindo uma nova postura, uma nova proposta curricular e, especialmente, na concepção de educação. Logo, “a prática pedagógica do ensino teve que ser ampliada utilizando o acréscimo das habilidades dos educandos por meio da abordagem de saberes, desenvolvimento das artes, tecnologia, etc., dando novos patamares do que ensinar e como ensinar (Silva; Souza; Costa, p.7, 2020).

Salas de Inovação

As Salas de Inovação Educacional do município de Fortaleza-Ce, tiveram sua primeira aparição em 2017 como um protótipo, mas foram de fato implementadas três anos depois. “A iniciativa se configura como uma ação das metas previstas no Planejamento Estratégico Fortaleza 2040 e no Plano Municipal de Educação (2015-2025), que engloba os eixos da educação, cultura, inovação, patrimônio, ciência e tecnologia” (FORTALEZA, 2019).

O espaço difere das salas de informática pelos seus propósitos. A sala de informática é destinada à obtenção de habilidades computacionais, já as Salas de Inovação, presentes nas escolas de tempo integral do município de Fortaleza, “são espaços pensados para potencializar a realização de práticas educativas inovadoras, sendo elas flexíveis e inspiradoras, utilizando as Tecnologias Digitais de Informação e de Comunicação (TDICs)” (FORTALEZA, 2023).

Com ambientes climatizados e compostos por internet, *Chromebooks* e uma arquitetura que remete às cores da parceria firmada com a gigante *Google*, “os estudantes poderão desenvolver pesquisas, produção e exibição de vídeos, confecção de protótipos, objetos e simulações com recursos tecnológicos (FORTALEZA, 2019).” No entanto, o estudo desenvolvido por Gomes e Camargo (2024) sobre salas de inovação, demonstra que em muitos casos ela pode estar sendo utilizada fora do contexto para o qual foi pensada, para leituras e exibição de vídeos, o que seria perfeitamente possível ser realizado em sala de aula.

A parceria com a plataforma *Google for Education* contemplou não só as escolas e alunos, mas também aos docentes, com acesso a contas institucionais e armazenamento em nuvem. Gomes e Camargo (2024) também ressaltam que apesar da familiaridade e sensação de usar serviços gratuitos ofertados pela *Google*, o uso das ferramentas dela está ligada à coleta maciça de informações do usuário, capaz de traçar perfis comportamentais e presumir desejos.

Informações publicadas no sítio eletrônico da SME evidenciam uma formação continuada para docentes e outros profissionais da educação para a implementação da plataforma.

“[...] mais um passo foi dado neste sentido na segunda-feira (02/05), quando a Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal da Educação (SME),



iniciou a segunda formação de 500 profissionais das unidades municipais para o uso da plataforma Google Workspace for Education. A iniciativa integra a capacitação Move to Google!, iniciativa realizada por meio da GetEdu, instituição parceira do Google” (FORTALEZA, 2022).

Observou-se, através da leitura de artigos, dissertações e teses, que houve adaptações quanto à parte estética das salas de inovação no município de Fortaleza, variando em cores, organização, equipamentos, marcas dos *Chromebooks* e mobília, o que leva a crer que não existe uma padronização quanto a sua infraestrutura.

Atualmente, as salas de inovação não apresentam lousa, logo, “o papel do docente torna-se fundamental ao proporcionar um ambiente mais voltado para a reflexão crítica do que aulas expositivas que acabam estimulando mais o aspecto transmissor de conhecimento e mecânico da aprendizagem” (VIDAL; MIGUEL, p. 367, 2020). Por fim, Gomes e Camargo (2024) assegura que o uso da sala de inovação permitiu ao docente combinar práticas de ensino tradicionais com novos métodos pedagógicos, como a sala de aula invertida, uma metodologia ativa.

TDIC na escola pública

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TDIC) permitem, hoje, “ministrar uma aula de forma muito mais dinâmica, interativa e colaborativa do que no passado” (SHUARTZ; SARMENTO, p. 21, 2020). Para tanto, a inserção das TDIC na escola, seja ela pública ou privada, trata-se de uma exigência já estabelecida, à medida que se presencia os avanços tecnológicos em relação à informação e comunicação, como a necessidade de otimizar a prática docente e se aproximar cada vez mais do seu público alvo.

De acordo com Pereira e Araújo (2020), a proibição do uso de celulares, *laptops tablets* e similares nas escolas é uma realidade e que ainda, entre os docentes e entidades públicas, há uma evidente divisão de posicionamentos, desde a busca pela aplicação dos recursos tecnológicos em suas práticas até a sensação de prejuízo no processo de aprendizagem.

Todavia, Vidal e Miguel (2020) reconhecem ser mais que coerente inserir as TDIC na educação, uma vez que o seu público alvo, ou seja, os nativos digitais, já nasce imerso ao mundo informacional, cabendo reflexões de como inseri-los sem que acarrete efeitos indesejados no processo de ensino-aprendizagem. Concluem ainda que é crucial uma preparação do docente para construir o indivíduo ativo e crítico para lidar com as mudanças quase que instantâneas da sociedade. Muito embora, apesar da concepção de ser importante associar ensino e tecnologias, os dados do Censo Escolar 2022 mostram que:



“Apesar de possuir o maior número de escolas do ensino fundamental, a rede municipal é a que menos dispõe de recursos tecnológicos, como lousa digital (11,3%), projetor multimídia (55,9%), computador de mesa (39,4%) ou portátil (30,2%) para os alunos e internet disponível para uso dos estudantes (32,6%)” (INEP, 2023)”.

As disparidades entre os níveis de educação (fundamental e médio) em relação ao acesso às tecnologias, como também a variação entre as regiões do Brasil, é algo afincado há anos. Todavia, na contramão ao que se observa em outros territórios, o município de Fortaleza vem alcançando um patamar considerável de investimentos em tecnologias no ensino fundamental nos últimos anos.

Com isso, cabe certamente uma nova reflexão que a junção entre a motivação, os interesses públicos e uma escola inquieta pela renovação é capaz de oferecer subsídios para que a ação docente seja instigante e inovadora, podendo esta ser auxiliada pelas tecnologias digitais da comunicação e informação, pois como afirma Gonçalves *et al.* (2008) apesar da evolução tecnológica ser vista nas instituições escolares, poucas são as que adotam esse método para uma aprendizagem modernizada.

De acordo Julião (2020) uma escola com professores aptos para utilizar as TDICs pode fomentar mudanças significativas na maneira de organizar o ensino dentro e fora do contexto das salas de aulas, mas sabendo que as tecnologias por si só não garantem mudança, nem qualidade, sem antes existir compreensão e investimentos pautados na realidade em que os alunos e professores estão inseridos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos docentes e o Lócus

Doze professores lotados na ETI Professor Agerson Tabosa Pinto, em regime temporário, efetivo e em estágio probatório, participaram desta pesquisa. A escola, que contempla os anos finais do ensino fundamental, foi fundada no ano de 2021 e está inserida em uma comunidade repleta de vulnerabilidades socioeconômicas, fator determinante para a construção e implantação de escolas integrais.

Os professores participantes tinham entre 26 a 47 anos, no qual 83,3% apresentaram ter ao menos uma especialização *lato sensu*. Foi questionado se durante sua formação inicial houve alguma disciplina voltada ao uso de tecnologias digitais, e como resultado metade desses professores informaram que não tiveram e a outra parte tiveram de forma optativa. Tal fato, pode ser estar vinculado com a relação do currículo e o cenário contemporâneo, como afirma Machado e Brandão (2020), no qual os currículos não sugerem o



reconhecimento do contexto da cultura digital, ao qual seus sujeitos estão imersos, e as possibilidades de articulação com o currículo escolar atualizado pelas demandas deste tempo.

O uso das salas de inovação

Para averiguar a percepção e a maneira como os professores da ETI Professor Agerson Tabosa Pinto vinham explorando a Sala de Inovação e seus recursos em suas práticas docentes, foram selecionadas as questões mais relevantes para o estudo. Partindo da pergunta *Você consegue identificar uma diferença entre sala de informática e sala de inovação? Se sim, quais? E se a resposta for não, justifique.* Se obteve as seguintes respostas:

“Não consigo, pra mim ambas possuem a mesma função.”

“Não. Tirando a pintura na parede, ambas cumprem as mesmas funções.”

“Não, para mim, elas cumprem funções idênticas.”

Os três professores tiveram suas falas baseadas na finalidade do espaço. Vale ressaltar que na escola os *Chromebooks* ficam guardados na sala de inovação, e não no laboratório de informática, que por sua vez conta apenas com bancadas, cadeiras e seus carregadores. Outros docentes fundamentaram suas respostas em aspectos estruturais, como mostra o recorte abaixo:

“Não. As duas são iguais. Só muda a cor das paredes.”

“Não, pois percebo que os dois ambientes se utilizam exatamente dos mesmos equipamentos.”

“Não, pois as duas salas têm o mesmo padrão e configuração.”

As respostas acima se assemelham não só pelo fato dos professores não enxergarem diferenças significativas entre o laboratório de informática e a sala de inovação, mas por estarem focadas na estrutura e aparelhagem de ambos os espaços. É evidente que a disposição espacial daquilo que é perceptível empiricamente fundamental percebermos diferença ou semelhança entre as coisas, mas isso não deve ser o único fator de diferenciação, uma vez que as características intrínsecas à essência de cada coisa é que as dão significado, ou seja, trazendo essa reflexão para o estudo de caso em questão, apontar diferença ou semelhança apenas na estrutura física é limitar a observação a respeito da sala de inovação. Na contramão às respostas negativas, um dos professores expressa que:

“[...] A Sala de Informática deverá servir como base para aprendizagem de informática básica envolvendo ferramentas Google e e-mail para produção de documentos, navegação na internet e redes sociais para letramento digital. Já a Sala de Inovação se refere à utilização das ferramentas digitais, plataformas, sites e

gameificação para acrescentar ao processo de ensino-aprendizagem, de maneira a proporcionar ao aluno mais formas de absorver conteúdo de maneira satisfatória. Assim, a diferença está na abordagem de cada sala. Sendo uma voltada ao lentamente digital e outra ao estudo de conteúdos de todas as áreas.”

A fala deste professor demonstra uma tentativa de qualificar as funções de cada sala. Uma voltada para aprendizagem em informática e outra ao acesso de ferramentas digitais, ambas buscando desenvolver um letramento digital. A extração dessas visões deixa claro a dificuldade em compreender e verbalizar o propósito da sala de inovação pelos professores, culminando em reflexões do tipo: em algum momento de sua permanência na escola as salas e seus recursos foram apresentados? Existe alguma formação específica ou manual para que eles as utilizem de forma consciente?

Em direção a essas indagações, os professores foram questionados se conheciam algum documento que norteasse o uso das salas de inovação nas ETIs e se esta seria a primeira vez que trabalhavam em uma escola com esse espaço específico. O gráfico 1 evidencia que a grande maioria não possui conhecimento a respeito de qualquer documento que oriente o uso das salas de inovação. Todavia, existe um documento chamado *Guia Informativo* (figura 1), hospedado no site *Canal Educação*, que auxilia a rotina pedagógica das escolas de tempo integral de Fortaleza e apresenta apenas menções sobre as salas de inovação.

Além disso, procurou-se saber se eles já haviam participado de alguma formação destinada aos recursos e ferramentas das Salas de Inovação? 64% diz não ter participado, o que seria fundamental para expandir possibilidades de uso das ferramentas disponíveis.

Outro ponto a se destacar é que, como mostra o gráfico 2, correspondente a pergunta “*Esta é a primeira escola em que você leciona que tem Sala de Inovação?*”, 31% dos professores participantes da pesquisa já trabalharam em escolas com sala de inovação. Além disso, ao analisarmos as respostas, percebe-se que do percentual de professores que já trabalharam em uma escola com sala de inovação, apenas 1 professor respondeu que conhece o documento citado.

Figura 1. Documento norteador das ETIs



Gráfico 1

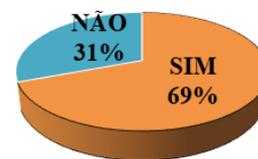


Gráfico 2

Fonte: Autores, 2024.

Fonte: Autores, 2024.

Fonte: SME, 2023.

Ao serem interrogados se já haviam ministrado alguma aula na Sala de Inovação da ETI Professor Agerson Tabosa Pinto, 56% disseram não. Mesmo assim, eles afirmam enxergar uma possibilidade de um dia ministrar uma aula na Sala de Inovação. Apesar de ser um ambiente que proporciona uma aproximação com as TDIC, através do uso de plataformas como a *Google for Education*, sabe-se que não é tão fácil conseguir com que todos adquiram tal competência de maneira satisfatória (Lima e Silva, p.42, 2023).

Os professores que afirmaram utilizar a sala de inovação foram direcionados a responderem as seguintes perguntas: “*A estrutura física e tecnológica da sala de inovação supre as necessidades das suas práticas?*” 63% responderam que não. E buscando compreender melhor esse fato, questionou-se “*Quais seriam as dificuldades encontradas ao usar a sala de inovação?*”. O que pôde ser resumido em: “*falta de conexão adequada, lousa e materiais de uso para informática*”. A falta e/ou inadequada formação de professores pode ser um indicativo do acúmulo de equipamentos sem uso nas escolas e dos professores continuarem distantes dos recursos pedagógicos digitais (Lima e Silva, p.44, 2023).

Questionados se “*A sala de inovação de modo geral precisa de alguma melhoria/recurso/ferramenta? Se sim, qual?*”, percebe-se que a principal mudança apontada é estrutural, que seria um espaço adequado para projeção de slides, visto que a sala de inovação não possui paredes opacas, logo se torna inviável para projeções. Uma reflexão que pode ser feita também é que a busca pelo espaço para projeção leva a crer que sua utilização seria para apresentação de slides, filmes ou afins, o que poderia ser realizado na própria sala de aula.

Os professores também foram indagados sobre a inserção da sala de inovação em seus planejamentos e que métodos estariam associando. Procurou-se destacar aqui três diferentes perspectivas:

“Não incluo no meu plano, pois quase nunca tenho aulas voltadas ao uso da sala, acho mais cômodo ministrar aulas na sala de aula convencional”.

“Aprofundar um tema, através de pesquisas ou construção de material gráfico, ou ainda pela praticidade de montar o material de projeção em apenas um espaço, deslocando apenas os alunos”.

“1. Estudo teórico do conteúdo e resolução de questões em sala; 2. Apresentação da ferramenta (plataforma, site ou game); 3. Utilização da ferramenta de maneira a



associar os conteúdos e questões estudadas em sala com os processos e lógicas específicas da ferramenta. 4. Enfatizar a compatibilidade dos resultados obtidos em cada modalidade (sala e digital); 5. Avaliar a aprendizagem por meio dos desempenhos nos desafios da ferramenta. 6. Proporcionar recompensa aos que terminam as atividades (utilização livre dos chromebooks)”.

As afirmações concernem a paradigmas contemporâneos da educação. A primeira sugere a figura de um docente familiarizado com um método tradicional de ensino, que prefere não arriscar desbravar novos espaços e ferramentas, no qual “a metodologia expositiva privilegia o papel do professor como transmissor dos conhecimentos e o ponto fundamental desse processo será o produto da aprendizagem (a ser alcançado pelo aluno) (Leão,p 194, 1999). A segunda, apesar de utilizar o ambiente para pesquisas, os fatores que lhe motivam são a economia de tempo, esforço físico e repetição ao montar seus equipamentos em um só lugar. A situação relatada mostra uma parcela da rotina de uma escola em tempo integral, cujo padrão de infraestrutura é de presença de muitas escadas, além da carga horária estendida que precisa ser suprida e da concentração de tarefas, inclusive tecnológicas, no professor. A terceira resposta demonstra uma sequência didática que inicia dentro da sala de aula e passa pela sala de inovação, com a apresentação das ferramentas, feedbacks e recompensas. Nota-se que este professor buscou integrar não só conceitos teóricos, mas também conceitos práticos aliados ao uso das tecnologias digitais.

Aprofundando nas ferramentas utilizadas, aos professores foi apresentado uma lista de ferramentas/recursos, que iam desde filmes, jogos educativos, jogos não educativos, software de programação, entre outros, a fim de entender se já tinham utilizado e com que frequência. Notou-se que as respostas se concentram em às vezes e dificilmente, o que por si só já demonstra uma baixa utilização da sala de inovação para recursos diversos, desde a apresentação de filmes, até a tradicional aula com o livro didático, que a propósito, conta com considerável frequência de uso. Um ponto importante para se refletir é que o recurso Google Pesquisa é utilizado com a frequência sempre pela maioria dos professores, enquanto Plataformas de Ciências e Calculadoras, pouco são utilizadas. Caberia aqui refletir que modernidade não é reflexo de inovação e que dimensão libertadora pode existir em práticas que inibem a criatividade e conduzem o educando às repetições burocratizadas.

Ainda procurou-se identificar o conhecimento dos professores com relação a ferramentas/recursos tecnológicos desenvolvidos na sala de inovação que pudessem ser aplicados em suas disciplinas e se isso lhes parecia benéfico, resultando em respostas como:

“Sim. O próprio Google e suas ferramentas, YouTube. Preciso muito de audiovisual”.



“Conheço sim. Já uso o canva em minhas aulas, e sim, é benéfico. Porém, como minha aula é essencialmente prática, a sala de inovação foge desse contexto. Preciso aliar essas ferramentas a prática de atividade física”.

“Sim, com um bom planejamento é possível ministrar uma aula atrativa e diferenciada”.

As respostas destacam a necessidade de adaptação, planejamento e integração dessas ferramentas ao contexto específico de cada disciplina para maximizar seu potencial benéfico. Através da óptica do docente, buscou-se averiguar brevemente o domínio por parte dos alunos das ferramentas/recursos digitais que a sala de inovação oferece com base em suas experiências e suas respostas convergem para um baixo domínio. É bem verdade que os alunos estão cada vez mais habituados aos toques, ao deslizar e ao automatizar promovido pelos *smartphones* e perdendo saberes em informática, mesmo com as semelhanças que o sistema operacional dos *Chromebooks* apresenta com os dispositivos móveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo de caso diversas nuances foram sendo tecidas, deixando evidente que a utilização de espaços voltados ao uso de tecnologias digitais, como as Salas de Inovação, ainda carecem de mais explicações, treinamentos para docentes e alunos, adaptações estruturais e de acesso à internet, fatores que podem limitar o uso de forma eficaz do ambiente. O estudo revisitou o interesse de alguns docentes em incorporar a Sala de Inovação em seus planejamentos de aula e o de outros em manter o ensino tradicional, refletindo diferentes abordagens pedagógicas e níveis de familiaridade com a tecnologia. A forma como a sala de inovação vem sendo explorada revela uma concentração em atividades mais conteudistas, o que poderia ser remodelado para alcançar o estudante em seu verdadeiro contexto, quebrando paradigmas e potencializando o processo criativo de ensino e aprendizagem por meio das tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2018. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf

COPPI, Marcelo et al . O uso de tecnologias digitais em educação: caminhos de futuro para uma educação digital. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa , v. 17, e19842, 2022 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092022000100113&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 mar. 2024. Epub 24-Maio-2022. <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.17.19842.055>.

MARINHO DUARTE, Patrick; FERREIRA DE ARAÚJO, Ulisses. As competências e habilidades socioemocionais: origens, conceitos, nomenclaturas e perspectivas teóricas. *EccoS – Revista Científica*, [S. l.], n. 63, p. e23287, 2022. DOI: 10.5585/eccos.n63.23287. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/23287>. Acesso em: 16 mar. 2024.

PEREIRA, N. V.; ARAÚJO, M. S. T. de. Use of technological resources in Education: paths and perspectives. *Research, Society and Development*, [S. l.], v. 9, n. 8, p. e447985421, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5421.

CARDOSO, Cintia Aurora Quaresma; OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro de. CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E EM TEMPO INTEGRAL NO BRASIL: REFLEXÕES A PARTIR BASES TEÓRICAS E LEGAIS. *e-Curriculum*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 2074-2094, out. 2020. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-38762020000402074&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 mar. 2024. Epub 20-Jan-2021. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2020v18i4p2074-2094>.

GOMES, F. H. F.; CAMARGO, O. USO DA SALA DE INOVAÇÃO E OS OBSTÁCULOS EXPERIENCIADOS POR PROFESSORES DE CIÊNCIAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE FORTALEZA NO DESENVOLVIMENTO DE UMA PROPOSTA DE ENSINO INOVADORA. *REPPE-Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino*, v. 8, n. 2, p. 805-824, 2024.

FORTALEZA. Secretaria Municipal de Educação. **Guia Informativo ETI**. Fortaleza: Secretaria Municipal da Educação, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PgV5WZpiab6jQ35q5cK6SfBdnw4NhXMU/view>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FORTALEZA. Secretaria Municipal de Educação. Prefeito Roberto Cláudio lança Plano de Inovação Educacional com a implantação de 30 novas salas em parceria com o Google for Education. 2019.

SILVA, Elaniese do Socorro Lima da; SOUZA, Maria de Fatima Matos de; COSTA, Renato Pinheiro da. Abordagem históriográfica da educação de tempo integral no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, SP, v. 20, p. e020014, 2020. DOI: 10.20396/rho.v20i0.8655227.

LEÃO, D. M. M. Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. *Cadernos De Pesquisas*, n. 107, p. 187–206, 1999.

LIMA, R.A; SILVA, M.P. Dificuldades na adaptação às tecnologias digitais de informação e comunicação em sala de aula. *Vice-Reitor Acadêmico*. 2023.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.



VIDAL, Altemar Santos; MIGUEL, Joelson Rodrigues. As Tecnologias Digitais na Educação Contemporânea. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 366-379. ISSN: 1981-1179.